



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LICENCIATURA EM LÍNGUA
INGLESA**

BATISTA EMÍDIO DOS SANTOS JÚNIOR

**UM ESTUDO SOBRE A PRODUÇÃO DO CLUSTERING CONSONANTAL /ɹh/ NO
INGLÊS POR FALANTES BRASILEIROS**

CAMPINA GRANDE

2021

BATISTA EMÍDIO DOS SANTOS JÚNIOR

**UM ESTUDO SOBRE A PRODUÇÃO DO CLUSTERING CONSONANTAL /rɪ/ NO
INGLÊS POR FALANTES BRASILEIROS**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento de Letras e Artes, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Licenciatura em Língua e Literatura Inglesa.

Área de concentração: Teoria e Análise Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Leônidas José da Silva Jr.

CAMPINA GRANDE

2021

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237u Santos Junior, Batista Emidio dos.
Um estudo sobre a produção do clustering consonantal/???/
no inglês por falantes brasileiros [manuscrito] / Batista Emidio
dos Santos Junior. - 2021.
20 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2021.

"Orientação : Prof. Dr. Leônidas José da Silva Júnior ,
Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Clustering consonantal. 2. Fonema. 3. Produção oral. I.
Título

21. ed. CDD 410

BATISTA EMÍDIO DOS SANTOS JÚNIOR

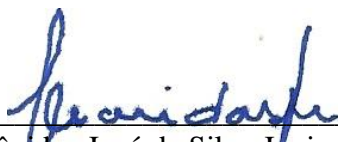
**UM ESTUDO SOBRE A PRODUÇÃO DO CLUSTERING CONSONANTAL /rɪ/ NO
INGLÊS POR FALANTES BRASILEIROS**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento de Letras e Artes, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Licenciatura em Língua e Literatura Inglesa.

Área de concentração: Teoria e Análise Linguística.

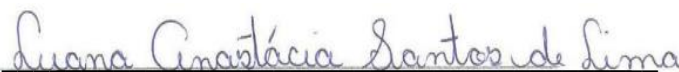
Aprovada em: 20/05/2021.
Média final: 9,0

BANCA EXAMINADORA



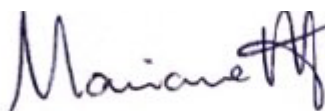
Prof. Dr. Leônidas José da Silva Junior (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Nota: 9,0



Prof^a. Dra. Luana Anastácia Santos de Lima
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Nota: 9,0



Prof^a. Esp. Mariane dos Santos Monteiro Duarte
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Nota: 9,0

“Learn a language and you’ll avoid a war.”

– Arab Proverb.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Estrutura da sílaba em onset e rima

Figura 2: Visualização da passagem do ar na produção do fonema aproximante velar /ʎ/

Figura 3: Visualização da passagem do ar na produção do fonema aproximante retroflexo /ɻ/

Figura 4: Escala de sonoridade das vogais e consoantes

Figura 5: Exemplos de palavras no clustering consonantal /ɻ/ em posição de coda

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

INA - Inglês Norte-Americano

L1 – Língua Materna

L2 – Língua Alvo

LI – Língua Inglesa

PB - Português Brasileiro

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	9
2.1	Sílabas: <i>Onset</i> , Núcleo, Coda.....	9
2.2	As consoantes líquidas aproximantes /ʃ/ e /ʒ/.....	10
2.3	O <i>clustering</i> consonantal: Definições.....	11
2.4	A ocorrência do <i>clustering</i> consonantal /ʃ/ na LI como L2 em outras línguas.....	13
2.5	O uso do /ʃ/ na LI por falantes do PB: Dificuldades e estratégias fonológicas de reparo.....	14
3	METODOLOGIA.....	14
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	15
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	16
	REFERÊNCIAS	

UM ESTUDO SOBRE A PRODUÇÃO DO CLUSTERING CONSONANTAL /ɹ̥/ NO INGLÊS POR FALANTES BRASILEIROS

A STUDY ABOUT THE CONSONANT CLUSTERING /ɹ̥/ PRODUCTION IN ENGLISH BY BRAZILIAN SPEAKERS

Batista Emídio dos Santos Júnior¹

RESUMO

A língua, de maneira geral, seja ela materna ou estrangeira, é estruturada de acordo com sua composição léxica, gramatical, fonética e fonológica, etc. Conseqüentemente, quando comparadas duas línguas distintas, principalmente no seu sistema fonético-fonológico, é natural que haja discrepâncias na produção destas línguas. Assim, o presente trabalho tem como objetivo principal analisar a ocorrência do *clustering* (agrupamento) consonantal dos fonemas líquidos aproximantes /ɹ̥/ e /ɹ̥/ da Língua Inglesa (LI), como em ‘*wirlpool*’ /wɜ:ɹ̥pu/ (hidromassagem), ou em coda final das palavras, como em ‘*whirl*’ /wɜ:ɹ̥/ (girar), produzido por falantes nativos do Português Brasileiro (PB) e averiguar como tal *clustering* interfere na produção oral dos falantes do PB. A pesquisa tem como principal justificativa a escassez de trabalhos específicos sobre a produção oral do *clustering* citado, na LI como L2 por falantes do PB. Na fundamentação teórica, foi tomado como alicerce principal os trabalhos de Kreidler (1997), Madureira (2020), Roach (2009), Selkirk (1984), dentre outros. A pesquisa se deu por meio de uma metodologia qualitativa, descritiva/interpretativa e exploratória, onde foram analisadas as estratégias de reparo utilizada pelos falantes do PB na produção do *clustering* /ɹ̥/. Como resultado, foi possível levantar a hipótese de que os falantes do PB utilizam como reparo fonológico o apagamento da lateral aproximante /ɹ̥/ e a substituição do fonema /ɹ̥/ pela semivogal /w/, em alguns casos. Isto posto, evidencia-se a necessidade de estudos posteriores para confirmar tal hipótese.

Palavras-chave: *Clustering* consonantal; Fonema; Produção oral.

ABSTRACT

The language in general, either as a mother tongue or a foreign one, is structured according to their lexical, grammatical, phonetic, phonologic composition, etc. Consequently, when two distinct languages are compared, especially in its phonetic-phonological system, it is natural that it has discrepancies in the production of these languages. So, the present work has as the main objective to analyze the occurrence of the consonantal clustering of the lateral approximant phonemes /ɹ̥/ e /ɹ̥/ of the English language (EL), as in ‘*wirlpool*’ /wɜ:ɹ̥pu/ or in final coda of words, as in ‘*whirl*’ /wɜ:ɹ̥/, produced by native speakers of the Brazilian Portuguese (BP) and to examine how this clustering interferes in the oral production of BP speakers. The research has as main justification the scarcity of specific works about the oral production of the cited clustering, in the EL as L2 by PB speakers. In the theoretical framework, it was taken as the main basis the works of Kreidler (1997), Madureira (2020), Roach (2009), Selkirk (1984), among others. The research was done through a qualitative, descriptive/interpretative and an

¹ Graduando no curso de Licenciatura em Letras – Inglês pela Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
E-mail: emidiobatistaeng@gmail.com

exploratory approach, where it has been analyzed the repair strategies utilized by BP speakers in the production of the clustering /ɹ/. As a result, it was possible to hypothesize that the BP speakers use as a phonological repair the deletion of the lateral approximant /ɹ/ and the substitution of the phoneme /ɹ/ by the semivowel /w/ in some cases. That said, it is evident the necessity of further studies to confirm such hypothesis.

Keywords: *Clustering* consonantal; Phoneme; Oral Production.

1 INTRODUÇÃO

Quando se trata das diferentes formas de pronúncia de uma língua estrangeira (L2) por falantes do português brasileiro (PB), sendo a L2 vista neste trabalho a língua inglesa (LI), de maneira geral, uma série de condicionantes devem ser consideradas quando se trata da forma adequada da pronúncia da LI, podendo ser tais condicionantes sociolinguísticas, de estilo (regional) de fala, etc.

Cada língua dispõe de um conjunto de fonemas, vocálicos ou consonantais, que constituem diferenças na estruturação de sílabas da língua materna (L1) e da L2 alvo. Conforme Mascherpe (1970), é possível fazer uma comparação entre línguas distintas, caso haja uma descrição prévia do sistema fonológico de duas línguas a serem comparadas.

Além disso, por conta da evidente distinção entre o PB e a LI, os falantes, da primeira língua citada, apresentam uma grande dificuldade quando se trata da produção oral da LI, no que tange à realização do *clustering* (ou agrupamento) consonantal /ɹ/, em posição de coda medial, como em ‘*wirlpool*’ /wɜ:ɹpu:/ (hidromassagem), ou em coda final das palavras, como em ‘*whirl*’ /wɜ:ɹ/ (girar). Nesse caso, o desvio da pronúncia da língua alvo é exposto quando os falantes do PB realizam a produção oral desse agrupamento levando em consideração a influência da L1.

Assim, este trabalho tem como objetivo fazer uma análise documental, por meio de uma metodologia qualitativa, exploratória e de revisão bibliográfica da ocorrência do *clustering* consonantal entre as líquidas aproximantes /ɹ/ e /r/ da LI, oralizado por falantes nativos do PB, já o objetivo específico se configura em mostrar, através de uma breve análise contrastiva, como o *clustering* consonantal se mostra dificultoso para estes falantes.

Até o alcance de nosso conhecimento, a temática aqui abordada não é recorrente na literatura fonética e/ou fonológica considerando o PB como L1 e inglês como L2. Tal fato nos impôs dificuldades e limitações quanto à pesquisa de trabalhos específicos sobre o tema. Além disso, verificamos a incidência de poucos trabalhos que abordam a ocorrência das líquidas aproximantes em relação ao inglês como L2 tomando outras línguas como L1. Assim, norteando este trabalho, serão apontadas as contribuições teóricas acerca da LI, a exemplo de Kreidler (1997), Roach (2009), Madureira (2020), dentre outros.

Deste modo, a estrutura deste trabalho, que está dividido em 6 seções, consiste em: considerações iniciais, seguido da fundamentação teórica, na qual será abordada a estrutura silábica de acordo com os estudos (e modelo) de Selkirk (1984) e postulados de Roach (2009), as consoantes líquidas aproximantes /ɹ/ e /r/, com o aporte dos estudos de Kreidler (1997), Pulgram (1965, apud Reis, 2019), Madureira (2020) e Gouskova e Stanton (2020), *clustering* consonantal e a sua definição, conforme os apontamentos de Pulgram (1965, apud Reis, 2019), Kreidler (1997) e Madureira (2020). Também, nesta seção, serão vistos os trabalhos de Espinal, Thompson e Kim (2020) e Sheldon e Strange (1982) acerca da ocorrência do *clustering* da LI como L2 em outras línguas, como o japonês e o coreano. Quanto ao PB, será abordada a produção do *clustering* /ɹ/ e suas estratégias de reparo, baseado nas contribuições de Seara,

Nunes, Lazzaroto-Volcao (2011) e Madureira (2020). Em seguida, será mostrado o percurso metodológico de nosso trabalho, conforme Gerhardt e Silveira (2009).

Dando continuidade, será abordado, na seção 4, os resultados e as discussões, levando em consideração as contribuições dos teóricos como Mascherpe (1970), Steinberg (1986), Madureira (2020) e Reis (2019) acima citados e, por fim, na seção 6, as considerações finais, finalizando com as referências bibliográficas nas quais este trabalho se norteou.

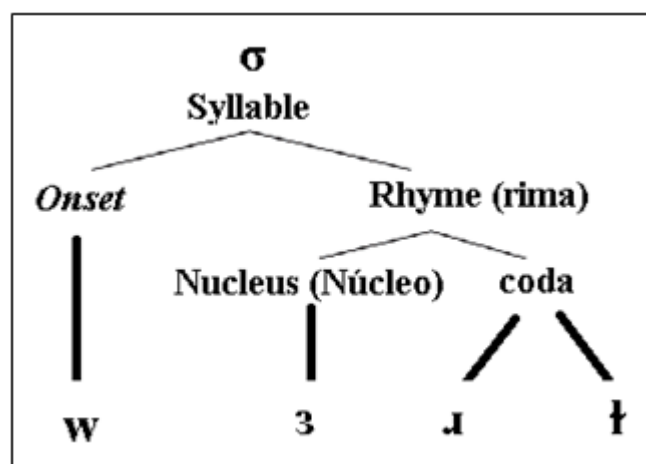
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÒRICA

Nesta seção, será feita uma definição breve sobre a estrutura silábica e as consoantes líquidas, a saber; as laterais aproximantes /ɹ/ e /l/ presentes na LI. Posteriormente, será visto uma definição sobre o *clustering* consonantal, bem como a ocorrência deste *clustering* na LI como L2 em outras línguas e, por fim, o uso do /ɹl/ por falantes do PB e as estratégias de reparo que estes utilizam.

2.1 Sílabas: *Onset*, Núcleo, Coda

Para Selkirk (1984), a sílaba tem a funcionalidade estrutural que se dá por meio da colocação de fonemas em sequência. De maneira similar à estrutura das palavras, a sílaba pode ser descrita pela contagem de seus fonemas, considerando a sua sequência. Cada sílaba, por padrão, tem as vogais (e consoantes portadoras de nó silábico²) ocupando a posição nuclear, e também os segmentos presentes na borda silábica, que são as consoantes, que podem se instalar tanto antes como após o segmento vocálico (ou caracterizador da sílaba). A autora também explica que, de maneira prática, é preferível dizer que a sílaba é estruturada em *onset* e rima, em que, dentro da rima, está presente o núcleo e a coda. No presente trabalho, o objeto de interesse será as laterais aproximantes em posição de coda (Figura 1):

Figura 1: Estrutura da sílaba em *onset* e rima na palavra *whirl* (gírar).



Fonte: Adaptado de Selkirk (1984).

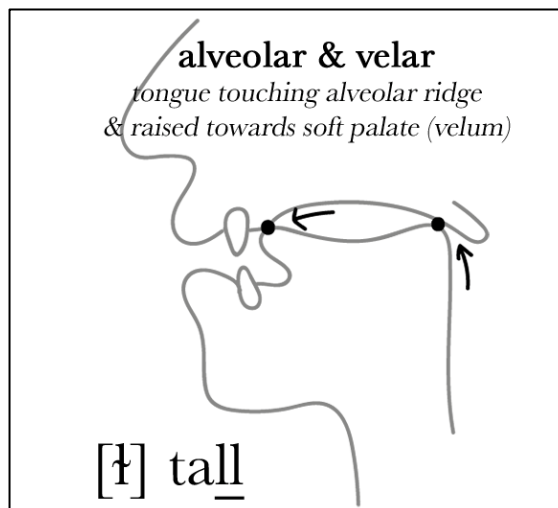
² Elemento que serve de ligação primordial para a análise autosssegmental e a abordagem métrica. O símbolo σ representa o nó silábico, que liga os segmentos inerentes a estas teorias. (SIMIONI, 2007)

Resumidamente, a coda silábica ocorre após o núcleo, sendo esta preenchida por uma ou mais consoantes. Roach (2009) conceitua a coda de maneira similar a colocação do *onset*, que é definida como o lugar ocupado por uma ou mais consoantes em posição pós-núcleo. Assim como o *zero onset*, a *zero coda* também pode ocorrer, na ausência de consoantes (ROACH, 2009). O mesmo autor ainda afirma que pode haver até quatro consoantes em posição de coda, a exemplo da palavra ‘*worlds*’ /wɜːrldz/ (mundos), o que não ocorre no PB.

2.2 As Consoantes líquidas aproximantes /l/ e /ɫ/

Os fonemas líquidos, como aponta Kreidler (1997), tem como característica principal a forma como a língua se apresenta. No fonema aproximante velar /l/, a passagem do ar é em certa parte obstruída pelo corpo da língua, porém a passagem fica livre nas laterais do trato vocal (Figura 2).

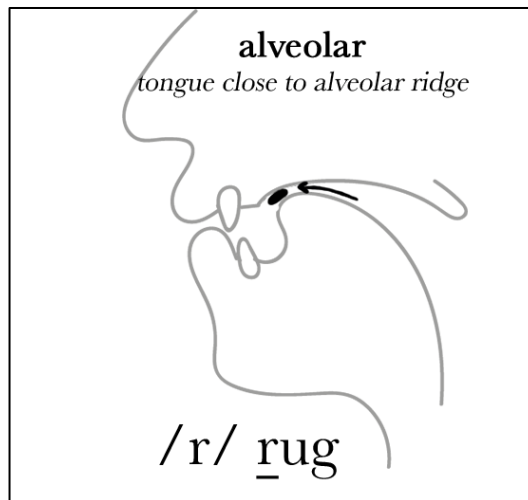
Figura 2: Demonstração gráfica da passagem do ar na produção do fonema aproximante velar /l/, na palavra ‘*tall*’ (alto).



Fonte: Adaptado de <https://thesoundofenglish.org/>.

Já no fonema aproximante retroflexo /ɫ/ da LI, o autor explica que há uma pequena fenda para a passagem de ar na ponta da língua, enquanto que o restante da língua é puxado para trás e para cima realizando uma curvatura em seu dorso (Figura 3).

Figura 3: Demonstração gráfica da passagem do ar na produção do fonema aproximante retroflexo /ɹ/, na palavra ‘rug’ (tapete).



Fonte: Adaptado de <https://thesoundofenglish.org/>.

. O fonema /ɹ/, na pronúncia do inglês, é também conhecido como ‘dark l’ ou ‘syllabic l’ (‘l’ silábico) por ocupar uma posição nuclear dentro da sílaba. Assim, palavras como ‘eel’ /i:l/ (enguia), ‘family’ /ˈfæmili/ (família) e ‘elbow’ /ˈɛlbəʊ/ (ombro) possui duas sílabas em função do ‘l’ silábico.

Ainda conforme Roach (2009), a aproximante retroflexa /ɹ/ é um tipo de consoante que, embora seja encontrada em muitos sotaques da LI, é um som que não é fácil de descrever devido ao fato dos articuladores não se aproximarem o suficiente para produzir uma consoante com significativo grau de obstrução, como o caso das plosivas, nasais ou fricativas.

Na produção do /ɹ/, a língua realiza uma curvatura em direção à parte posterior do trato vocal, isto é, a língua fica enrolada para trás, com a sua ponta para cima. Este modo de articulação é denominado ‘retroflexo’. Em palavras como ‘press’ (apertar), ‘tress’ (cacho) e ‘cress’ (agrião), o /ɹ/ ocupa a segunda posição do *onset* da sílaba se tornando devozeado e fricativo.

De maneira geral, especialmente na LI falada por norte-americanos, o /r/ divide-se em róticos e não-róticos. O primeiro, que é pronunciado por muitos dialetos da LI, ocorre quando o /r/ está em posição final e antes da pausa, como em ‘hard’ /hɑ:d/ (difícil), ‘verse’ /vɜ:s/ (verso), ‘cares’ /keɪz/ (preocupar); já o segundo, pronunciado principalmente na LI britânica, ocorre antes de vogais, como pode ser visto utilizando os mesmos exemplos: ‘hard’ /hɑ:d/, ‘verse’ /vɜ:s/, ‘cares’ /keɪz/ (ROACH, 2009).

2.3 O Clustering Consonantal: Definições

Nesta seção, será visto, de maneira breve, a conceituação de *clustering* (ou agrupamento) consonantal³.

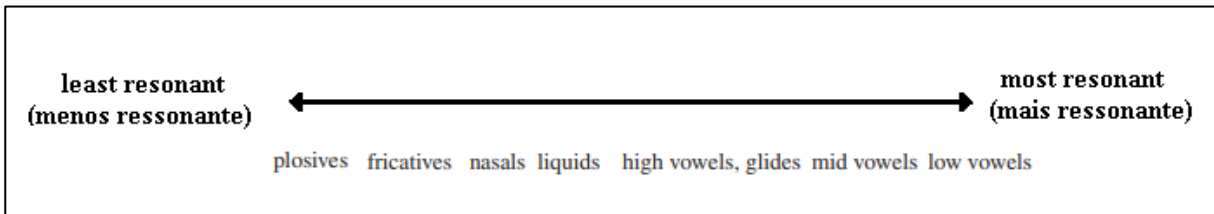
³ Sobre os termos “encontro” e “sequência”, Pulgram (1965, apud Reis, 2019) diz que os agrupamentos consonantais (*consonant clusters*) são aqueles onde há a junção de consoantes numa só sílaba. Tal termo é chamado no português de “encontros consonantais tautossilábicos”. As sequências consonantais (*consonant sequences*) que se dá no encontro de duas sílabas distintas, onde a consoante em posição de coda encontra-se com a consoante em posição de ataque, se dá o nome de “encontros consonantais heterossilábicos.” (PULGRAM, 1965, apud REIS, 2019)

Se tratando do *clustering* consonantal, em conformidade com a propositura de Pulgram (1965, apud Reis, 2019), Roach (2009) pontua que o *clustering* consonantal em posição inicial, ou seja, antes do núcleo, pode ter até três consoantes, embora seja raro acontecer tal combinação.

Seguindo de maneira similar a definição de Roach (2009) e Pulgram (1965, apud Reis, 2019), Madureira (2020) complementa que os *clusterings* consonantais aparecem nas posições iniciais, mediais e finais das palavras, a exemplo das palavras ‘*spend*’ (gastar), ‘*inspire*’ (inspirar) e ‘*clasp*’ (fivela). Já Gouskova e Stanton (2020) afirmam, em seus estudos, que quanto maior forem os *clusterings* consonantais, mais raros eles ocorrem em qualquer língua.

Para Kreidler (1997), os *clusterings* consonantais da LI possuem restrições de quais consoantes, seja em onset ou em coda, podem ser colocadas antes e após o núcleo da sílaba. Essas restrições são regidas por uma escala de sonoridade (Figura 4), onde as vogais possuem um grau maior em tal sonoridade

Figura 4: Escala de sonoridade de das vogais e consoantes.



Fonte: Adaptado de Kreidler (1997, p. 91)

Sobre a escala de sonoridade, Kreidler (1997, p. 91) pontua que:

De modo simples, há uma grande sonoridade na fala quando a boca está aberta amplamente e as partículas de ar estão vibrando em uma grande área em resposta a vibração das cordas vocais. Há menos sonoridade quando as cavidades orais e nasais estão completamente fechadas. Então, as vogais baixas são mais sonorantes do que as vogais altas, que são mais sonorantes do que as consoantes sonorantes, que por sua vez são mais sonorantes que as fricativas, e estas estão acima das plosivas em sonoridade. (KREIDLER, 1997, p. 91, tradução nossa⁴)

No que se refere a quantidade de *clusterings* consonantais, há línguas em que estes ocorrem com mais frequência e em maior número. Isto posto, Madureira (2020) explica que os *clusterings* consonantais são mais produtivos na LI do que no PB e, portanto, é mais comum de a LI ter mais combinações consonantais em seu repertório. Concernente a ocorrência das consoantes líquidas aproximantes /ɹ/ e /l/, em *clustering* consonantal /ɹl/, não há nenhum indício deste em posição de ataque silábico na LI (MADUREIRA, 2020). O estudo de Madureira (2020) é consoante ao estudo de Kreidler (1997), que pontua a seguinte explicação:

Quando duas consoantes ocorrem no ataque da palavra, eles seguem a escala de sonorância: uma obstruente (plosiva ou fricativa) pode ser seguida por uma consoante

⁴ Very simply, there is greatest sonority in speech when the mouth is open widest and particles of air are vibrating in a large area in response to vibration of the vocalcords. There is least sonority when the oral and nasal cavities are completely closed. So lower vowels are more sonorant than higher vowels, which are more sonorant than sonorant consonants, which in turn are more sonorant than fricatives, and these outrank plosives in sonority.

soante (líquida ou glide) e uma consoante nasal pode ser seguida por um *glide*. (KREIDLER, 1997, p. 91, tradução nossa⁵).

Sobre o /ɹl/ em coda medial ou final, Kreidler (1997) assevera que o /ɹ/ é seguido por /l/, a exemplo de ‘curl’ /kɜrl/ (cacho), e não o contrário. A disposição do *clustering* pode ser visto tomando como exemplo as palavras ‘curl’ /kɜrl/ (cacho) e ‘world’ /wɜrld/ (mundo).

Assim, é possível ter uma noção acerca de tais consoantes em posição de coda (Figura 5) e em posição medial e final das palavras. O caractere #, na imagem, representa o final da palavra.

Figura 5: Exemplos de palavras no *clustering* consonantal /ɹl/ em posição de coda.

Vowel	r	l	Nasal	Obstruent	s	t	#	Example
ɜ	r	l						curl
ɜ	r	l		d				world

Fonte: Adaptado de Kreidler (1997, p. 94-95).

No estudo de Madureira (2020), os *clusterings* consonantais são apresentados e classificados em relação a posição silábica (ataque ou coda) e em relação às palavras, tanto em posição inicial, medial ou final. O *clustering* consonantal /ɹl/, que é o objeto de investigação deste artigo, aparece apenas na posição de coda, seja medial ou final (MADUREIRA, 2020).

Conforme a pesquisa da autora supracitada, em posição medial, o *clustering* /ɹl/ ocorre nos casos em que o segundo elemento é uma aproximante alveolar ou tepe, como em ‘worldwide’ /'wɜrl'dward/ (mundialmente), e em casos onde o primeiro elemento em questão é a aproximante alveolar/tepe, como no caso da palavra ‘forlorn’ /'fɜr'lɔrn/ (desamparado).

Em posição final, o *clustering* se apresenta onde o primeiro elemento é uma aproximante lateral velar ou uma aproximante alveolar, como em ‘snarl’ /snɜrl/ (rosnar), e em ‘worlds’ /wɜrldz/ (mundos) (MADUREIRA, 2020). A autora ainda complementa com o fato de que os *clusterings* consonantais na LI apresentam uma gama bastante diversificada de tais encontros, além de variados tipos de combinações.

2.4 A ocorrência do *clustering* consonantal /ɹl/ na LI como L2 em outras línguas

Para dar um entendimento mais abalizado acerca do assunto tratado no presente trabalho, é fundamental conhecer o que há de estudos em outras L1s tomando o inglês como L2, acerca da junção das líquidas aproximantes na LI.

O estudo de Espinal, Thompson e Kim (2020) acerca das características acústicas das líquidas aproximantes na LI dos Estados Unidos e o encontro consonantal /ɹl/, examinou as características acústicas do inglês norte-americano (INA) produzido por falantes coreanos. No estudo pelos autores em questão, o qual analisou as líquidas em posição final das palavras, como em ‘carl’ /kɜrl/, foi detectado que os falantes coreanos possuem muita dificuldade na percepção e na produção do /ɹ/ e do /l/ das líquidas do INA, ao ponto de que eles consideram essas líquidas como alofones, ao invés de criar fonemas específicos para tais fonemas do INA.

⁵ When two consonants occur in the onset of a word, they follow the scale of sonority: an obstruent (plosive or fricative) maybe followed by a sonorant consonant (liquid or glide) and a nasal consonant may be followed by a glide.

No trabalho de Sheldon e Strange (1982), foi examinado a relação entre a produção e a percepção dos fonemas /r/ e /l/, na LI, por falantes nativos Japoneses enquanto aprendizes da LI nos Estados Unidos. No estudo, feito pelos autores, foi constatado que os nativos da língua japonesa tiveram uma maior facilidade na produção desses fonemas, enquanto que a percepção ficou comprometida em relação a posição dos fonemas na palavra. Em posição pré-vocálica, foi constatada a maior dificuldade, enquanto que as líquidas /r/ e /l/, em posição final, tiveram uma melhor percepção. (SHELDON E STRANGE, 1982).

2.5 O uso do /ɹ/ na LI por falantes do PB: dificuldades e estratégias fonológicas de reparo

A produção e a percepção oral de um sistema de linguagem diferente da língua materna de algum determinado indivíduo se mostra um grande desafio. Se tratando da LI, que é a língua abordada neste trabalho, tal desafio se torna evidente quando se trata da produção e da identificação de alguns *clusterings* consonantais, especialmente quando se trata da junção das laterais líquidas aproximantes /ɹ/ com as líquidas retroflexas /ɻ/. (MADUREIRA, 2020).

Deste modo, o principal problema em relação ao /ɹ/ and /ɻ/ em *clustering*, pronunciado pelos falantes do PB, se dá quando estes fonemas estão presentes em palavras como em ‘girl’ /'gɜ.ɹl/ (garota). A razão por trás disso tem a ver com a estrutura silábica presente na LI, junto com os seus fonemas, que restringem o falante do PB de produzir esse tipo de *clustering*, que é próprio do inventário fonológico da LI. Para se ter uma visão prática da dificuldade na produção dos *clusterings* na LI, de maneira geral, será feita uma breve análise do estudo realizado por Madureira (2020) acerca dos desafios e estratégias fonológicas dos falantes nativos do PB ao produzir estes *clusterings*, por intermédio das produções de espectrogramas de banda larga⁶, coletados pela autora, do arquivo de gravação de dialetos que está armazenado no laboratório de fonética da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Por meio de uma análise acústica, referente a produção oral de algumas palavras na LI, produzidas por falantes do PB e também da LI, Madureira (2020) identificou contrastes no que diz respeito a tais produções por falantes nativos da LI em relação aos falantes do PB.

Sobre a lateral líquida /l/, Seara, Nunes e Lazzaroto-Volcão (2011) afirmam que, embora o fonema /l/ seja encontrado também no PB, como em ‘cal’ e ‘salsa’ /'kal/ e /'salsa/, é possível encontrar a variante velar /ɭ/, como na palavra ‘cal’ /'kaɭ /, pronunciado em dialetos oriundos do Rio Grande do Sul, sendo também possível encontrar a variante vocalizada /w/, na palavra /'kaw/, na maioria dos dialetos do PB.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa se dará da maneira qualitativa, bibliográfica e exploratória (GERHARDT e SILVEIRA, 2009). O motivo pelo qual a pesquisa deste artigo se dará desta maneira é devido ao cenário atual nacional referente a pandemia, que impossibilita uma pesquisa quantitativa, no tocante a coleta de dados dos falantes do PB, mais aprofundada quanto ao objetivo principal do presente artigo. Assim, a metodologia trabalhada neste trabalho se dará baseada em um levantamento da literatura referente ao assunto. Logo, aqui será explicado os conceitos básicos do método qualitativo, bibliográfico e exploratório.

⁶ Espectrograma de banda larga são sinais gráficos acústicos que mostram o tempo no eixo horizontal, a frequência no eixo vertical e a intensidade em uma escala de cinza, onde quanto mais escuro esta escala for, mais intenso será. (MADUREIRA, 2020).

Seguindo a linha de Gerhardt e Silveira (2009), a pesquisa qualitativa abordada neste trabalho não se ocupa com a quantidade dos dados analisados, ou seja, o número de trabalhos feitos por outros teóricos referente ao assunto. A preocupação presente aqui inclina-se na compreensão mais detalhada do objeto específico levantado por este artigo em questão, que se trata da produção do *clustering* /ɹ/, na LI, por falantes brasileiros do PB. Portanto, o objetivo da amostra qualitativa aqui é trazer informações do que já se sabe acerca do assunto, de modo sucinto. (DESLAURIERS, 1991, p. 58, apud GERHARDTE SILVEIRA, 2009).

Sobre o tipo de pesquisa exploratória, Gerhardt e Silveira (2009) diz que o objetivo é proporcionar uma maior aproximação com o problema, deixando a possibilidade de levantar hipóteses ou algo desta natureza.

Quanto o caráter da pesquisa bibliográfica, as autoras definem da nosso trabalho ocupou-se com referências já fundamentadas por meios escritos e eletrônicos, onde a busca teve o objetivo de reunir informações prévias a respeito da literatura dos fonemas aqui trabalhados (FONSECA, 2002, apud GERHARDTE SILVEIRA, 2009).

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Considerando as evidências coletadas através do levantamento de referências teóricas já fundamentadas e publicadas, é possível depreender algumas hipóteses acerca do objetivo geral do presente artigo. De acordo com Madureira (2020), a produção do *clustering* /ɹ/ se apresenta difícil para o falante do PB articular, devido à natureza articulatória das consoantes que integram o *clustering* e também considerando a distribuição destas na sílaba, a exemplo da palavra ‘*skirl*’ /skɜ:l/ (uivar).

Isto posto, devido a limitação da literatura e do levantamento bibliográfico realizados sobre o objeto de estudo desta pesquisa, bem como a ausência da coleta de dados por parte do autor deste trabalho acerca da produção oral do *clustering* consonantal /ɹ/ na LI, tendo o aporte das análises feitas por Madureira (2020), é possível inferir, ainda que de modo prototípico e preliminar, que os falantes do PB, ao produzir o *clustering* mencionado anteriormente, tendem a usar a estratégia de apagamento da líquida aproximante /ɹ/ e a troca da variante velar /ʁ/ pela semivogal /w/, em palavras como ‘*twirl*’ /twɜ:rl/ (rodar).

Assim, diante do que fora exposto, a LI tem sequências e grupos fonéticos que são distintos ao PB (MASCHERPE, 1970; STEINBERG, 1986). Na posição medial e final das palavras na LI, de acordo com o que observamos, os falantes brasileiros possuem dificuldades quando tentam pronunciar *clusterings* inerentes a LI, tanto em posição final das palavras como também quando a coda é constituída por uma lateral aproximante velar (MADUREIRA, 2020). Há de se hipotetizar também que tal dificuldade ocorre muito por causa do retroflexo /ɹ/, especialmente quando este se apresenta roticizado, e da líquida velar /ʁ/, também conhecida como o “*dark ʁ*”, conforme os estudos já elencados aqui (ROACH, 2009).

Todavia, como exposto por Reis (2019), é possível encontrar no PB encontros consonantais heterossilábicos envolvendo o /ɹ/, como em *karla*, *kar-la*, e *arlequina*, *ar-le-qui-na*, falado em dialetos do interior de São Paulo, de Minas Gerais e da região Centro-Oeste do Brasil, mas nunca na mesma sílaba. Neste caso, a consoante líquida /ɹ/ não é substituída pela semivogal ou pela lateral aproximante velar, ficando o /r/, a depender da região do Brasil, aspirado ou roticizado.

Considerando as estratégias de reparo elencadas na pesquisa realizada por Madureira (2020) e também os dados coletados acerca do /ɹ/ e do /ʁ/, por alguns dos estudos aqui mencionados (MADUREIRA, 2020; SEARA; NUNES; LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2011); os falantes do PB, de maneira geral, ao pronunciar o /ɹ/ em posição de coda e em posição final de palavras, como em ‘*girl*’ /gɜ:rl/ (garota), tendem a utilizar a estratégia da substituição do fonema

/l/ para a utilização da semivogal /w/ ou a vogal /ʊ/, além do apagamento total da lateral aproximante retroflexa /ɻ/. Assim, a mesma palavra utilizada no exemplo anterior ficará como /gʒʊ/ ou /gʒw/.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo tentou ilustrar as dificuldades na produção do *clustering* consonantal /ɻ/, da LI, por falantes do PB. O levantamento de dados através de referencial teórico foi capaz de mostrar que os falantes do PB tendem a apresentar problemas na pronúncia quanto a produção de certos *clusterings* consonantais, especialmente aqueles que contém a combinação fonotática /ɻ/. Este problema acontece por conta da natureza articulatória dos *clusterings* consonantais da LI, que apresentam uma grande variedade de combinações e quantidade de consoantes em tais *clusterings*, e também a visível limitação das combinações consonantais no PB (MADUREIRA, 2020). Também foi possível verificar, de maneira hipotética, que os falantes do PB tendem a utilizar a estratégia de apagamento da lateral líquida retroflexa /ɻ/ e substituindo a aproximante lateral pós-vocálica /l/ pela semivogal /w/, conforme o levantamento feito por Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2011) a respeito dos falantes do PB na maioria das regiões brasileiras. Exemplos de como este fenômeno pode ocorrer é expresso na palavra ‘wɜːld’ /wɜːld/ (mundo), que ficaria /wɜʊd/ ou /wɜwd/, levando em consideração a característica regional do PB falado.

Em concordância com Steinberg (1986), a explicação acerca de como o som é produzido e a posição dos órgãos da fala pode ajudar no entendimento da diferença de tais *clusterings*, considerando a proximidade dos pontos de articulação, mas não é suficiente.

Quando os brasileiros tentam falar palavras na LI, normalmente eles usam o sistema sonoro do PB e seus próprios fonemas. Se há similaridades, então é mais provável que o falante do PB use o seu repertório fonético-fonológico para reproduzir estes sons na L2. Por fim, é evidente, neste trabalho, a necessidade de uma pesquisa mais aprofundada, de cunho acústico-experimental, quanto à produção do *cluster* /ɻ/. Tal pesquisa quantitativa de coleta de dados, tanto dos falantes nativos da LI como do PB, é necessária para verificar se essa dificuldade na produção oral do *clustering* /ɻ/ ocorre com regularidade com os falantes do PB em geral, ou se são casos isolados de alguns indivíduos de regiões específicas, como o caso dos falantes do PB do nordeste Brasileiro e/ou de outras regiões.

REFERÊNCIAS

ESPINAL, Alexis; THOMPSON, Austin; KIM, Yunjung. Acoustic characteristics of American English liquids /ɹ/, /l/, /ɻ/ produced by Korean L2 adults. **The Journal Of The Acoustical Society Of America**. Louisiana, p. 179-184. 20 ago. 2020. Disponível em: <https://asa.scitation.org/doi/full/10.1121/10.0001758>. Acesso em: 01 mai. 2021.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (organizadoras). **Métodos de Pesquisa**. 1ª Ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GOUSKOVA, Maria; STANTON, Juliet. 2020. **Learning complex segments**. Disponível em: <https://ling.auf.net/lingbuzz/004815>. Acesso em: 29 abr. 2021.

KREIDLER, Charles W. **Describing Spoken English: an Introduction**. New York: Routledge, 1997

MADUREIRA, Sandra. **English and Portuguese consonant clusters: contrasts and challenges**. DELTA, São Paulo, v. 36, n. 2, 2020360207, 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502020000200406&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 04 mai. 2021.

MASCHERPE, M. **Análise comparativa dos sistemas fonológicos do inglês e do português**. Tese de doutoramento em língua e literatura inglesa. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis. Assis, 1970.

REIS, Felipe Santos dos. **AQUISIÇÃO VARIÁVEL DE SEQUÊNCIAS TRICONSONANTAIS Ct/d]σC POR FALANTES CAMPINENSES DE INGLÊS COMO L2**. 2019. 249 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Linguística, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

ROACH, Peter. **English Phonetics and Phonology: A Practical Course**, Fourth Edition. Cambridge University Press, 2009.

SEARA, Izabel Christine; NUNES, Vanessa Gonzaga; LAZZAROTTO-VOLCÃO, Cristiane. **Fonética e Fonologia do Português Brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto, 2011. Coleção Para Conhecer.

SELKIRK, Elizabeth. **Phonology and Syntax: the relation between sound and structure**. Cambridge: MIT Press, 1984.

SHELDON, Amy; STRANGE, Winifred. **The acquisition of /r/ and /l/ by Japanese learners of English: Evidence that speech production can precede speech perception**. Applied Psycholinguistics. p. 243-261. Cambridge University Press, 1982.

SIMIONI, Taíse, **A sílaba: uma breve revisão**. Cadernos do IL, n. 34, p. 335–347, 2007.

STEINBERG, Martha. **Pronúncia do Inglês Norte-Americano**. São Paulo: Ática, 2º ed. 1986.

AGRADECIMENTOS

“Veni, vidi, venci”.

Assim como Júlio César, eu vim, vi e venci.

Com esta citação, inicio a tecer algumas palavras acerca desse fim da minha jornada acadêmica, jornada essa que foi longa, foi torturosa, foi cansativa e foi impiedosa em sua imensa maioria. Como diz a música Ouro de Tolo, de Raul Seixas, “Eu devia estar sorrindo e orgulhoso por ter finalmente vencido na vida, mas eu acho isso uma grande piada e um tanto quanto perigosa.”

Se eu falar aqui que eu me imaginaria estar escrevendo tais palavras de agradecimento, que certamente irão ser registradas para o resto da vida, eu estaria mentindo, e muito. Jamais eu, nas minhas faculdades mentais e no mais devanioso dos meus sonhos, imaginaria que conseguiria tal feito de ser finalmente um profissional de Letras em Língua Inglesa. Eu, que tinha tudo pra desistir, que em muitos momentos pensei seriamente em tomar o caminho mais fácil – a desistência – por motivos que desconheço, resolvi arriscar e continuar até o final dessa minha aventura. Então, o agradecimento primeiramente vai a mim mesmo, por não ter caído pelo caminho, pela resiliência, pela força de vontade, pela teimosia e, acima de tudo, pela paciência e serenidade que tive nos momentos mais tensos desta etapa ímpar da minha história.

Agradeço imensuravelmente a minha família, aos meus pais Batista Emídio dos Santos e Marizelda dos Santos Emídio pelo suporte ímpar e pela constante ajuda em me moldar a ser quem eu sou. Tem mais um filho formado hein?! Amo vocês.

Agradeço imensamente e ad eternum a minha querida Professora, orientadora, conselheira e amiga, a Professora Doutora Marta Furtado da Costa (*in memoriam*), por ter me incentivado a escrever este trabalho de conclusão de curso, por nunca ter deixado de acreditar em mim e por sempre ter sido a melhor pessoa do mundo para comigo. A sua essência como pessoa está contida neste trabalho. Eu vou amar a Senhora eternamente.

Agradeço eternamente a Mirla Farias Pereira (*in memoriam*), por ter me dado a chance de ter sido feliz ao seu lado, pela importância especial que sempre teve e terá na minha vida e por nunca ter desistido de mim em vida.

Agradeço ao meu eterno colega de curso Irenilson de Lima Santos (*in memoriam*), por ter me dado a honra de ter lhe conhecido em vida e se dedicado ao curso, apesar de todas as dificuldades que teve que enfrentar neste mundo cruel.

Agradeço a toda minha eterna turma 16.1 (os *shyzões*), em especial a Maria Taynan (*menina taiwan*), Janylly, Luana, Milena, Carlos Porto, Miguel e Anderson, por terem me proporcionado os melhores momentos, pelas risadas, pelas lutas diárias, pela confiança em mim depositada e por tudo que pude viver nesta graduação, sou grato demais por terem me dado o prazer de estarem sempre comigo nos melhores e piores momentos dessa jornada. Amo todos vocês eternamente.

Agradeço de todo o coração ao Centro Acadêmico de Letras Ariano Suassuna, do Campus I, por ter me dado a oportunidade de revolucionar na maneira de fazer gestão, de fazer a diferença para os discentes de letras e por ter me dado a oportunidade de mostrar, de maneira prática, como se constrói o movimento estudantil da UEPB, através das minhas ações enquanto membro dessa estimada entidade.

Agradeço a todos os professores e professoras que passaram por mim na graduação, pelo aprendizado que me foi passado e pela amizade e companheirismo além sala de aula, e principalmente por nunca terem desistido de mim.

Agradeço de maneira honrosa e sincera ao meu orientador, o Professor Doutor Leônidas José da Silva Júnior, por ter acolhido o meu desafio no momento mais conturbado da minha graduação e pelos ensinamentos passados na orientação deste trabalho.

Agradeço de maneira ímpar aos meus colegas, de ontem e do agora, que levarei para minha vida toda: Marquinhos, Marcelo, Alice, Jefferson, Amanda e Ádila. Sou grato principalmente pela amizade sincera e duradoura neste percurso e por sempre me aceitarem e me amarem da forma como eu sou. Não poderia deixar de lembrar fraternamente dos meus brothers do Brasil todo do Kings of the Hood, pela amizade de décadas e pela força que sempre me deram e dão. A vocês, minha eterna gratidão por tudo o que sentem por mim.

Por fim, agradeço a todos os meus companheiros e companheiras da universidade e de movimento estudantil, dos mais variados cursos e campi da UEPB, pela amizade, pela troca de ideias, parcerias, elogios, críticas construtivas e tudo o mais. A todos que cruzaram meu caminho nesta jornada, desejo o melhor a todos e todas, sem exceções.

Para todos estes que consultarem este artigo, em suas pesquisas futuras, que saibam que, diante do que foi escrito aqui, as minhas façanhas em vida servirão de modelo para a posteridade.

Per aspera ad astra.